

10 ANOS DA OFICINA CINEMA-HISTÓRIA

Jorge Nóvoa

Eis aí a revista *O Olho da História* como uma Fênix! Depois de 1998 a *Oficina Cinema-História* não publicava mais nenhum número. Não por falta de artigos, pois tínhamos o suficiente para publicar mais três números pelo menos, que doamos a várias revistas irmãs, como por exemplo, a *Politéia* da Universidade do Sudoeste da Bahia. Mas por falta de recursos financeiros.

Assim sendo, tivemos que mudar um pouco o Projeto Gráfico e Editorial da *O Olho da História* para fazê-la aparecer primeiramente on-line e depois impressa. Ela continua uma revista voltada para história contemporânea, mas, sobretudo centrada em questões teóricas e práticas ligadas à relação cinema, novas tecnologias e IMAGEM-HISTÓRIA, questões sobre teoria da história e sua natureza científica. É claro que sua inserção no mundo contemporâneo e sua opção por uma concepção processual da história, não a fazem abdicar, portanto, ao presente como história ou à chamada história imediata. Sempre que reconheçamos a necessidade e a legitimidade, publicaremos no seu espaço artigos de natureza mais historiográfica ou de análise de conjuntura. Todavia as razões aventadas acima e o extraordinário volume de trabalho que significa produzir uma revista com as características de *O Olho da História*, tal qual ela foi produzida até o número 5, nos impede de atribuir mais espaços a expressões que não suas mais estritas.

Estamos preocupados em dar vazão às reflexões mais especializadas na relação imagem-história, nas questões relacionadas à subjetividade na história contemporânea, nos problemas ligados à representação da história na linguagem escrita e imagética, em questões conectadas à maior ou menor capacidade de produzir mais “verdades” sobre os fenômenos e os processos sobre os quais o historiador e o cientista social se debruçam, através de uma ciência que inevitavelmente deve admitir sua subjetividade.



Mas, por isso mesmo e a um só tempo, não poderíamos abrir mão de sua proposta inicial de abordagem dos referidos processos através da transdisciplinaridade. Ora, nada mais instigante do que pensar a história através de uma liberdade que admite de antemão a sua complexidade, e seu caráter multifacetado e polissêmico. A relação imagem-história é um desses laboratórios que, ao admitir todas as abordagens possíveis – mesmo defendendo a liberdade de outros analistas recusarem - e até mesmo necessárias, não rejeita antigas categorias consideradas superadas na perspectiva da nossa liberdade pensante. Nem o fenômeno das classes sociais, nem o fenômeno da ideologia (e das ideologias) são rejeitados, nem como objetos da investigação, nem como categorias da análise. A sua pedra de toque é o fetiche da mercadoria. E as imagens no mundo contemporâneo são, ao mesmo tempo, a expressão mais acabada de que o fetichismo da mercadoria conseguiu produzir o fetichismo do fetichismo. O mundo está submerso de imagens e de sons, de significantes. E assim, as mesmas imagens que podem revelar a sua natureza fundamental, produzem também o reverso!

Mas por isso mesmo não vemos porque admitirmos ilegitimidade para os sonhos, os sons, a oralidade, os odores, a multiplicidade dos tempos históricos e de suas narrativas na história, como objetos de investigação. Mas que admitidos esses componentes do processo histórico devem ser perquiridos. E isto em diversos níveis, quer como suporte de componentes constitutivo da realidade exterior (e interior) à nossa percepção quer como elementos que intervêm na realidade, enquanto agentes condicionantes e mesmos transformadores ou mantenedores dos processos históricos. Tais objetos aparecem também como elementos constituintes das novas linguagens narrativas, quer como suportes ou elementos depositários de informações para o conhecimento de aspectos importantes de um determinado período. Tais linguagens têm as suas especificidades e precisam ser lidas ou apreendidas levando-as em consideração. Por isso cabe ao historiador e aos cientistas sociais que lidam com imagens o aprender a manejar os mais diversos métodos, instrumentos e tecnologias, as diversas linguagens que formam os discursos imagéticos. Mas não acreditamos ser indispensável de modo absoluto ao



historiador ser um *esperto* para entender que a estética tem algo de específico. Se certos analistas não reconhecem essas especificidades, não é menos verdade que muitas vezes, para não dizermos quase sempre, o artista ele mesmo, não é senhor absoluto da sua linguagem ou da especificidade que ela encerra. Do mesmo modo que o ato de criar não é senhor de tudo, o ato de pensar a criação e o que ela traduz, não pode ser completo. Portanto, não cabe nem absolutismos, nem relativismos absolutos.

Desse modo, vez que inevitavelmente temos que polemizar - o que, aliás, dá mais entusiasmo à prática científica, buscaremos dar uma atenção especial à chamada crise dos paradigmas científicos e àquela da história. Nosso ponto de partida fundamental é a constatação da crise do paradigma maior do pensamento ocidental, o de Descartes, do método analítico e da razão pura. A primeira crítica elaborada por Emmanuel Kant, introduziu uma ruptura fundamental com o modelo cartesiano dominante, ao sustentar a hipótese de que o conhecimento científico é o resultado da colaboração entre as sensações e os conceitos. A transcendência dessa hipótese é fabulosa! Ela permanece extraordinária! E isso particularmente no que concerne à perspectiva de reconstrução do paradigma científico em geral e do historiográfico em particular.

Reconhecer os limites do paradigma cartesiano não significa, todavia, destituí-lo completamente de eficácia. Mesmo depois da crítica de Kant, da crítica de Marx e, ainda, da crítica de Nietzsche, ele guarda uma certa competência. Portanto, compartilhamos a hipótese de que não se trata de jogar as aquisições científicas da humanidade na lata o lixo. Trata-se sim de encontrar os seus limites e mesmo suas contradições e construir os caminhos de sua superação. Marx sustentou que o defeito principal de todo cientificismo consistia em que os objetos da realidade não eram tratados como atividade sensível do homem. Na sua compreensão da práxis não há objetividade sem subjetividade. Para sairmos do culto reacionário do passado, é necessário admitir a atividade do pensamento humano, não apenas como uma atividade crítico-teórica, mas também prático-orgânica, ou melhor, crítico-



orgânico como diz Fougeyrollas. Nietzsche, ao seu modo, acertou quando reivindicou uma utilidade social para a história e quando criticou o eruditismo que reinava à sua volta, como vitória da sociedade urbano-industrial que transformava a busca do fato histórico documentado num fim em si mesmo. Teve ainda razão ao buscar apoio nos pré-socráticos ionianos a indissolubilidade constitutiva entre razão e emoção. Na sua época talvez, não fosse possível mais que isso. Mas na nossa época, os avanços da neuro-biologia (os exemplos de Antônio Damásio são fundamentais), mostram que os sentimentos são indissociáveis daquilo que chamamos de razão e daquilo que outros chamaram de práxis.

É aqui que defendemos que a relação IMAGEM-HISTÓRIA-SOCIEDADE constitui um laboratório especial. O século XX foi o século das imagens em movimento. O século XXI será aquele da conquista de novas formas de narrativas e representações da história. Se mais de 80% das informações (que são também formadoras) que recebemos são componentes inseridos ou organizados pelas imagens, se a proliferação dos multimeios são mais que incontornáveis, como poderão os historiadores, sociólogos e cientistas das humanidades permanecerem à margem desses novos processos?

Nossa ciência continua sustentando que não é possível existir nenhuma estética, nem nenhuma ética que não seja baseada na necessidade de aliviar os fardos humanos. Nisso, portanto, não somos nem céticos, nem niilistas, mesmo se somos céticos ao medirmos as possibilidades que a humanidade tem ainda para ir à busca do tempo perdido, do mesmo modo, acreditamos na utilidade do ato de historiografar como um dos caminhos dessa busca. Mas a idéia da utilidade social da história não pode ser medida ou examinada a partir do mesmo prisma do das ciências físicas ou biológicas, por exemplo, ou do cientificismo. Qual então o conceito de ciência que devemos ter agora e qual o que aplicamos para tratar a história? A história é tão somente representação, “película” ou “literatura bem informada”. Pretendemos que esta questão está no centro e é o leitmotiv mesmo da nossa reflexão sobre as novas “lentes” para a história.



Nossa atividade, em alguma medida pioneira no Brasil, nos fez pagar alguns preços. Um deles acha-se intrínseco a prática de não abrir mão de certos ideais e da nossa integridade e no respeito que não temos medo de ter pelo direito do outro pensar do jeito que pensa, sobre a vida, ou sobre a história. Idéia que temeríamos ou que recusaríamos com violência, teria vantagem sobre nós! Na ciência, como na vida e no amor, não existe mérito (e, portanto, não haveria gozo) em si jogar o jogo das cartas marcadas. É preciso saborear cada conquista com a legitimidade da ciência e da estética que seduz e conquista sem moralismos. Cada vitória deve ser, de fato, ontologicamente – e não apenas epistemologicamente. E nisso reside o fundamento maior de qualquer ética humanista.

Assim, **com o número 6 de *O Olho da História* comemoramos mais uma vez os 10 primeiros anos da *Oficina Cinema-História***, modesto, mas produtivo núcleo de investigação, reflexão e produção no campo mais largo da relação IMAGEM-HISTÓRIA. cremos, portanto, e com razão, que merecemos (e felizmente o nosso mérito vem sendo reconhecido de modos diversos) não somente o apoio das instituições financiadoras e do apoio da nossa rede de colaboradores e interlocutores que desde o primeiro momento disseram presente à nossa proposta original. Seguramente vocês continuam conosco, ainda que seja, em certos casos, inscrevendo apenas seus nomes em nossas trincheiras. Nós já somos vitoriosos apenas em reconhecerno-nos, em poder ver em nossos rostos a expressão não apenas da solidariedade, mas também da humanidade à qual toda reflexão e prática acadêmica deveria, pelo menos, buscar servir.

